

MICROSCÓPIO

Volta-se a falar na suspensão das hostilidades durante o dia de amanhã, Natal de Jesus. Seria talvez uma tregua inspiradora a que assim se fizesse: tregua determinada, não pela necessidade de enterrar mortos e atender feridos, mas pela lembrança, embora efêmera, d'Aquele que nos veio ensinar expressamente que todos os homens são irmãos e devem amar-se uns aos outros.

Mais, porém, do que essa tregua fugaz, em que se ensarilham as armas para depois as desfechar com maior furor, conviria que todos os homens, tanto os que estão lutando nas trincheiras, como os que estão trabalhando nos campos e nas fabricas, tanto os que mandam, com os que obedecem, assentassem, no fundo do seu coração, que esta fosse a última grande guerra.

Tal seria a verdadeira, a evangélica comemoração do Natal, este ano. Suspender a matança, para a continuar no dia seguinte, pode constituir sinal de respeito para com o Messias, mas não deixa, também, de soar como irrisão, quando se consideram os seus divinos preceitos.

Paz, paz, eis a verdadeira comemoração do Natal. Mas paz, não de um dia, senão de um século; paz que represente a vitória definitiva do bem, e não a contemporização com o mal; paz que, em vez de dividir mais fundamentalmente os homens, os possa lançar finalmente uns aos braços dos outros, como irmãos.

Mas esta paz, ó meigo Jesus, quão longe ainda parece estar de nós! Está longe, porque os homens continuam a não saber o que fazem e precisam, como há dois mil anos, de que por eles impregues o perdão divino.

RAUL PILLA

24.12.1944